

## **Sobre a necessidade de conceptualizar o fenómeno das fake news**

### **On the need to conceptualize the phenomenon of fake news**

João Paulo Meneses\*

\* Investigador associado do CECS; ISMAI, Instituto Universitário da Maia

#### Resumo

Donald Trump começou a usar a expressão fake news em 2017 e pouco tempo depois estava banalizada na opinião pública. A apropriação do conceito levou ao seu desvirtuamento. Ao mesmo tempo aumentou a confusão com false news. Mas com o aumento das tentativas de criminalizar a desinformação online, parece fazer sentido uma caracterização do conceito, de modo a ajudar a fixar o que está realmente em causa. Este trabalho propõe e justifica uma definição de fake news.

Palavras-chave: Fake news, jornalismo, Internet, redes sociais

#### Abstract

Donald Trump began using the term fake news in 2017 and shortly thereafter was trivialized in public opinion. The appropriation of the concept led to its distortion. At the same time increased confusion with false news. But with increasing attempts to criminalize online misinformation, it seems to make sense to characterize the concept in order to help pin down what is really at stake. This paper proposes and justifies a definition of fake news.

Keywords: Fake news, journalism, Internet, social networks

### **Fake news: fenómeno recente, mas volátil**

“Fake news has become a controversial, highly contested issue recently. But in the public discourse, fake news is often used to refer to several different phenomena. The lack of clarity around what exactly fake news is makes understanding the social harms that it creates and crafting solutions to these harms difficult” (Verstraete et al., 2017).

O Brasil tentou aprovar em 2018 uma lei que “pode levar à punição qualquer cidadão desavisado que, mesmo sem má fé, tenha caído numa fake news e compartilhado nas redes sociais”<sup>1</sup>, enquanto em França o combate às fake news foi apontado pelo Presidente francês como uma “prioridade, em nome da “proteção

---

<sup>1</sup> MELO, Katrina (04/06/2018), “Conselheira de Comunicação critica leis de combate a Fake News que estão no Congresso”, <https://jornalggn.com.br/noticia/conselheira-de-comunicacao-critica-leis-de-combate-a-fake-news-que-estao-no-congresso> (acedido em 26/09/2018)

da democracia<sup>2</sup>. Ao mesmo tempo a Malásia aprovava uma lei tão polémica<sup>3</sup> que acabou revogada cinco meses depois<sup>4</sup>.

O problema das fake news deixou de ser, como se percebe por esta reduzida amostra, uma preocupação dos mais ricos e/ou desenvolvidos. É raro o país onde atualmente o fenómeno não se discute, muitas vezes acompanhado de (tentativas de) leis para limitar a difusão dessas peças.

Mas as leis – aceitando que a intervenção administrativa é uma forma de resolver o problema – só poderão ser eficazes se souberem o que visam realmente, se o objeto em causa estiver bem definido e delimitado. Um exemplo: como enquadrar o humor e os conteúdos satíricos, que por regra estão associados à atualidade?

Caso contrário, por excesso ou por defeito, as leis em causa poderão tornar-se elas próprias um problema (ou serem vazias).

‘Palavra do ano’ para o dicionário em inglês da editora britânica Collins<sup>5</sup>, fake news tornou-se argumento do dia a dia em 2017 – e começou naturalmente a ser usada nos mais variados contextos, muitos deles já longe original: “It is, of course, quite natural that a term as recent and controversial as ‘fake news’ should be used in a variety of (sometimes conflicting) ways, thereby making conceptual analysis more difficult” (Gelfert, 2018). Tão rápido como o aparecimento do fenómeno, a sua ‘corruptela’ conceptual ameaça fazer perder de vista o essencial<sup>6</sup>.

Do nosso ponto de vista, contudo, é também pela apropriação, muitas vezes indevida, por exemplo por parte de políticos, que se justifica calibrar devidamente o conceito – o que começa por aceitar fake news e não, por exemplo, false news, na linha do que defendem os autores de *The science of fake news* (Lazer *et al.*, 2018). “Avoiding the term distorts the issue. Fake news refers to a distinct phenomenon with a specific name, they say, and we should just use that name (fake news) to talk about that problem (fake news)”<sup>7</sup>. E se cada autor propuser uma classificação própria para o problema, como fazem por exemplo Wardle e Derakhshan (2017), mais dificuldades haverá na sua compreensão.

Fenómeno recente, mas altamente volátil, as fake news precisam, pois, de serem conceptualizadas, de modo a diminuir os equívocos que sempre criarão. Equívocos que podem ser altamente nocivos para o jornalismo e para a liberdade de expressão em geral, sobretudo se as leis que já foram criadas – mas sobretudo as que estão para vir – não delimitarem bem o objeto que visam.

É esse o propósito principal deste texto, com a certeza de estamos em território volátil e que serão necessários vários esforços de sistematização. Ainda assim, ao ajudarmos a caracterizar o conceito

---

<sup>2</sup> LIMA, António Saraiva (07/06/2018), “Macron marcha contra as fake news e põe jornalistas em xeque”, Público. <https://www.publico.pt/2018/06/07/mundo/noticia/parlamento-prepara-arma-legislativa-para-combater-as-fake-news-1833622> (acedido em 26/09/2018)

<sup>3</sup> IPI (11/04/2018), “‘Fake news’ law threatens Malaysian media”, <https://ipi.media/fake-news-law-threatens-malaysian-media/> (acedido em 26/09/2018)

<sup>4</sup> ELLIS-PETERSON, Hannah (17/08/2018), “Malaysia scraps ‘fake news’ law used to stifle free speech”, The Guardian. <https://www.theguardian.com/world/2018/aug/17/malaysia-scraps-fake-news-law-used-to-stifle-free-speech> (acedido em 26/09/2018)

<sup>5</sup> “Fake News é eleita palavra do ano e ganhará menção em dicionário britânico” (2/11/2017), BBC, <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41843695> (acedido em 22/8/2018)

<sup>6</sup> “Tem o mito da fake news... Isso sempre existiu. Mas o que é fake news? Quando um candidato faz uma promessa que todo mundo sabe que não será cumprida, isso é fake news”- AMENDOLA, Gilberto (12/3/2018), “Redes sociais não têm o poder de eleger ninguém”, O Estado de São Paulo; <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,redes-sociais-nao-tem-o-poder-de-eleger-ninguem,70002223189> (acedido em 22/8/2018)

<sup>7</sup> MEYER, Robinson (9/3/2018), “Why It’s Okay to Call It ‘Fake News’”, The Atlantic; <https://www.theatlantic.com/technology/archive/2018/03/why-its-okay-to-say-fake-news/555215/> (acedido em 22/8/2018)

estaremos também a contrariar quem defende que “the inability to objectively define fake news is a good reason to abolish the term”<sup>8</sup>. Seguimos antes Verstraete *et al.* (2017), quando defendem que “the term has been used to refer to so many things that it seems to have lost its power to denote at all; as a result, several media critics have recommended abandoning it entirely. Although the term fake news is confusing, it does point to several real threats to meaningful public debate on the Internet”, pelo que não faz sentido ignorá-lo.

### **Caracterização das fake news**

Apresentaremos neste capítulo uma proposta de definição do conceito de fake news, sem deixar de tentar esclarecer, a montante e a jusante, alguns equívocos que, regra geral, aparecem associados, de modo a tornar mais segura essa proposta. Por outro lado, tentaremos complementar a discussão com diferentes perspetivas, algumas delas complementares, certos de que mais elementos podem reforçar um melhor conhecimento do problema.

Afinal de contas, se “Fake news has now lost all meaning”<sup>9</sup>, então é preciso ajudar a recuperar o seu sentido original.

Desde logo a questão que mais divide aqueles que se preocupam com o fenómeno: fake news ou false news? Não faltam argumentos de um lado e de outro. A questão surge associada ao trabalho jornalístico, situação que importa perceber, delimitando os vários campos envolvidos. Outra questão que importa esclarecer: fake news são conteúdos publicados nas redes sociais ou na Internet? E não deixaremos de apresentar uma proposta para resolver um dos ‘enigmas’ associados: os conteúdos de base humorística não são fake news, mas são o quê?

#### *False news*

Não sendo completamente evidente, nesta altura, como surgiu a expressão fake news aplicada à realidade digital [ver próximo ponto deste trabalho], é pelo menos claro que foi o presidente dos Estados Unidos Donald Trump quem a vulgarizou<sup>10</sup> a partir de janeiro de 2017 e que foi a partir das eleições presidenciais de 2016 que o fenómeno se banalizou.

---

<sup>8</sup> BRAKE, Andrea (7/6/2018), “Transparency and truth: Is it time to retire the term “fake news”?” Smartbrief; <http://www.smartbrief.com/original/2018/06/transparency-and-truth-it-time-retire-term-%E2%80%9Cfake-news%E2%80%9D> (acedido em 22/8/2018)

<sup>9</sup> BORCHERS, Callum (9/2/2017), “‘Fake news’ has now lost all meaning”, The Washington Post; [https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2017/02/09/fake-news-has-now-lost-all-meaning/?noredirect=on&utm\\_term=.f869fb9899a0](https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2017/02/09/fake-news-has-now-lost-all-meaning/?noredirect=on&utm_term=.f869fb9899a0) (acedido em 23/8/2018)

<sup>10</sup> Mesmo que tenha sido Hillary Clinton a primeira a referir-se à “the epidemic of malicious fake news and false propaganda that flooded social media over the past year” (8/12/2016). WENDLING, Mike (22/1/2018), “The (almost) complete history of ‘fake news’”, BBC; <https://www.bbc.com/news/blogs-trending-42724320> (acedido em 23/8/2018)

**Figura 1:** Aquele que terá sido o primeiro tweet de Trump com a expressão fake news; fonte da imagem: Twitter de Donald Trump



Acontece que Trump utiliza, quase sempre, a expressão para classificar notícias (jornalismo, portanto), que no limite serão notícias falsas (false news), ou tudo aquilo que, publicado, lhe é desfavorável<sup>11</sup>.

Não é por serem publicadas (também) na Internet que algumas notícias (falsas) passam a ser fake news. Notícias falsas sempre existiram e sempre existirão, mas – como tentaremos demonstrar adiante – elas só são simultaneamente fake news se existir uma ação deliberada de enganar os consumidores.

Ou seja, e como primeiro elemento caracterizador, partimos do pressuposto de que fake news e false news são realidades diferentes, na medida em que estas últimas não resultarão, na maior parte das vezes, de uma ação deliberada, mas de outros fatores, como a incompetência ou a irresponsabilidade dos jornalistas na forma como trabalham as informações fornecidas pelas fontes (será este o principal fator, ainda que não único).

Do nosso ponto de vista, só em casos muito pontuais false news e fake news coincidem – quando o jornalista sabe que está a publicar uma informação (pelo menos parcialmente) falsa e isso não o demove. Ou seja, neste contexto, o jornalismo também pode ser responsável por publicar fake news. Mas por esse cenário ser, do nosso ponto de vista, minoritário, é que não faz sentido chamar false news às fake news – até para preservar o jornalismo.

Há quem entenda que fake news não é a expressão mais correta para classificar o fenómeno de desinformação que marca a Internet hoje em dia. Mas (d)escrever esse mesmo conceito como 'F\*\*\* News'<sup>12</sup>, como acontece com a coordenadora do projeto First Draft, da Universidade de Harvard, leva a algum resultado? (Wardle, 2017). Oremus também defende que "False news communicates more clearly what we're describing: information that is designed to be confused with legitimate news, and is intentionally

<sup>11</sup> JACKSON, David (6/2/2017), "Trump on polls: 'Any negative polls are fake news'", USA Today; <https://eu.usatoday.com/story/news/politics/2017/02/06/donald-trump-steve-bannon/97541122/> (acedido em 23/8/2018)

<sup>12</sup> GUILIANI-HOFFMAN, Francesca (3/11/2017), 'F\*\*\* News' should be replaced by these words, Claire Wardle says", CNN; <https://money.cnn.com/2017/11/03/media/claire-wardle-fake-news-reliable-sources-podcast/index.html> (acedido em 22/8/2018)

false”<sup>13</sup>. E é por causa destes e de outros apelos, que o Facebook tem usado – de forma consciente - a expressão false news para descrever... fake news<sup>14</sup>, o que nos parece poder gerar mais equívocos. Há também quem entenda, como Don Gillmor, da Universidade Estatal do Arizona, que a palavra fake não pode estar associada a news, por, juntas, gerarem uma contradição (se é news não pode ser fake, diz<sup>15</sup>). Acontece que a expressão fake news é, em si própria, e do nosso ponto de vista, um novo conceito – e aquele que se tornou domínio público, mesmo que isso tenha como consequência “people who lie all the time have co-opted the expression fake news and so we should let them have it and use correct language like misinformation, disinformation, lies, errors and other things that are applied to information that is wrong in some way”<sup>16</sup>. Neste, como noutros pontos, seguimos o que dizem os autores de *The Science of fake news*: “We have retained it because of its value as a scientific construct, and because its political salience draws attention to an important subject” (Lazer *et al.*, 2018).

### *A origem histórica*

Relacionada com o equívoco anterior, está uma frase muito comum quando se fala em fake news: sempre existiram, pelo que agora não há nada de novo (a não ser, talvez, a quantidade), como defende por exemplo Robert Darnton, em “The True History of Fake News” (2017), para quem “the equivalent of today’s poisonous, bite-size texts and tweets can be found in most periods of history, going back to the ancients”<sup>17</sup>. Do nosso ponto de vista, será mais correto dizer, em alternativa, que false news sempre existiram – e continuarão a existir enquanto houver jornalismo, mas como pretendemos demonstrar fake news são um fenómeno com pouco mais de 20 anos (desde que a Internet se banalizou nas nossas vidas, mesmo que a expressão até tenha sido usada no passado<sup>18</sup> ou certos comportamentos façam parecer semelhante o que hoje sucede).

Diferente é considerar que podemos encontrar a origem das fake news no yellow journalism do século XIX. Até as ideias da teoria do espelho<sup>19</sup> e a objetividade<sup>20</sup> de Lippmann, Lasswell e outros se imporem como uma verdadeira ideologia nas redações de quase todo o mundo, o jornalismo era algo muito diferente, pelo menos aquele que era praticado pelos jornais do chamado yellow journalism. Tal como acontece com as

<sup>13</sup> OREMUS, Will (8/8/2017), “Facebook has stopped saying ‘fake news’”, Slate. [http://www.slate.com/blogs/future\\_tense/2017/08/08/facebook\\_has\\_stopped\\_saying\\_fake\\_news\\_is\\_false\\_news\\_any\\_better.html](http://www.slate.com/blogs/future_tense/2017/08/08/facebook_has_stopped_saying_fake_news_is_false_news_any_better.html) (acedido em 27/9/2018)

<sup>14</sup> [entre vários exemplos] MOSSERI, Adam (7/4/2017), “Working to Stop Misinformation and False News”, Facebook; <https://www.facebook.com/facebookmedia/blog/working-to-stop-misinformation-and-false-news> (acedido em 22/8/2018)

<sup>15</sup> “Q&A: Dan Gillmor: How journalism can get past the ‘lie of fake news’” (7/8/2018), Wikitribune, <https://www.wikitribune.com/story/2017/10/27/current-affairs/qa-dan-gillmor-how-journalism-can-get-past-the-lie-of-fake-news/13325/> (acedido em 22/8/2018)

<sup>16</sup> *Idem, ibidem*

<sup>17</sup> DARNTON, Robert (13/2/2017), “The True History of Fake News”, The New York Review of Books, <https://www.nybooks.com/daily/2017/02/13/the-true-history-of-fake-news/> (acedido em 28/9/2018)

<sup>18</sup> Surge num artigo da revista Harper’s, de 1925; <https://harpers.org/archive/1925/10/fake-news-and-the-public/> (acedido em 22/8/2018)

<sup>19</sup> “Em contraponto ao anterior jornalismo literário, ideológico, partidário, panfletário, sensacionalista, surgiam novos profissionais que sustentavam ser a imprensa **o espelho do real, serem as notícias o que são por refletirem a realidade. O jornalista seria um mediador desinteressado, um observador isento, imparcial, que descreveria objetivamente os factos**” (Castro, 2013, <http://www.bocc.ubi.pt/pag/castro-alexandre-2013-teorias-jornalismo.pdf>, [acedido em 22/8/2018])

<sup>20</sup> “Com a ideologia da objetividade, os jornalistas substituíram uma fé simples nos fatos por uma fidelidade às regras e aos procedimentos criados para um mundo no qual até os fatos eram postos em causa” (Schudson, 2001: 122).

fake news, muitas das informações eram publicadas sabendo deliberadamente que eram falsas ou pelo menos não estando confirmadas como verdadeiras – é esse, por exemplo, o retrato feito no filme “Citizen Kane”, satirizando o jornalismo sensacionalista da segunda metade do século XIX. Em contrapartida, “o meu trabalho é comunicar fatos: as minhas instruções não permitem qualquer tipo de comentários sobre os fatos, sejam eles quais forem”, afirmava, em 1856, o correspondente em Washington da agência noticiosa Associated Press (Read, 1976: 108, in Traquina, 2005: 147-148), uma frase que se pode considerar lapidar para o jornalismo do século XX.

Argumento final: as motivações jornalísticas podem ser financeiras (vendas, publicidade, assinaturas) ou apenas audiência, mas o objetivo nunca será enganar os leitores, o que nos leva a querer separar false news (jornalismo) de fake news (manipulação e desinformação).

Por curiosidade: “The colloquial term ‘fake news’, started gaining recognition in 2010 when Twitter bots were used to repost a fake news story concerning the replacement of Senator Ted Kennedy. The fake news epidemic grew dramatically in 2014 with the promotion of a story suggesting the quarantine of an entire Texas town due to the concern of Ebola on US soil” (Torres *et al.*, 2018).

Nos Estados Unidos, a expressão fake news teve durante algumas décadas outra conotação completamente diferente: “Traditionally, researchers defined fake news as a television comedy genre in which a portion of the program is devoted to political satire. Such programs draw millions of viewers by mimicking a traditional news cast, but adding humour” (Torres *et al.*, 2018). Berkowitz e Schwartz (2016), por exemplo, estudaram a ligação do jornal satírico Onion à realidade, descrevendo os seus conteúdos como fake news: “Although many studies have explored aspects of fake news on Saturday Night Live (SNL), The Daily Show (TDS) and The Colbert Report (TCR), relatively little has been studied regarding The Onion. Fake news succeeds because it parodies traits of real news, including broadcast set pieces and mimicking the tone of ‘real’ hosts found on cable channels such as CNN and Fox News.”

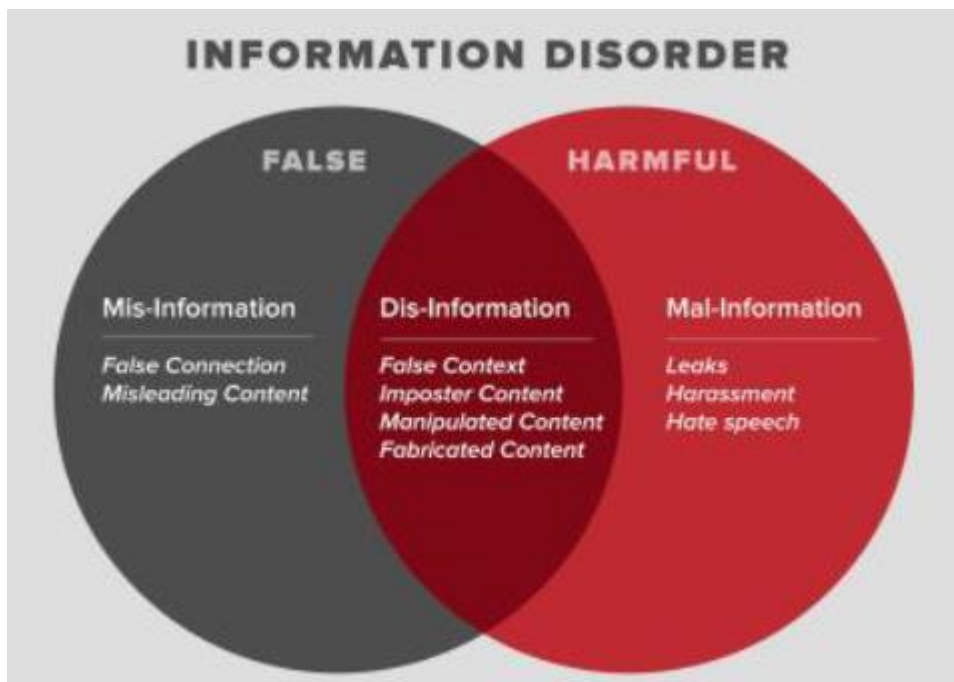
Sem nunca sair do contexto satírico e de paródia, Berkowitz e Schwartz (2018) entendem que “Fake news is hyper-real because it blurs lines between nonfiction and fiction, which challenges journalistic boundary work when journalistic practices overlap with fake news. The tension has grown from how journalists use fake and real news to challenge the boundaries of what news is and how news is created and with what purpose and effects”.

Parece-nos evidente que o usar a expressão fake news neste contexto dos programas/espacos humorísticos de televisão deixou de ser opção.

### *Desinformação*

As fake news inserem-se num movimento mais vasto, que marca a Internet nesta segunda década do século XXI, de desinformação. “Fake news overlaps with other information disorders, such as misinformation (false or misleading information) and disinformation (false information that is purposely spread to deceive people)” (Lazer *et al.*, 2018).

Wardle e Derakhshan (2017) dividem o seu conceito de “information disorder” em três situações: “mis-information is when false information is shared, but no harm is meant; dis-information is when false information is knowingly shared to cause harm; mal-information is when genuine information is shared to cause harm, often by moving information designed to stay private into the public sphere”.

**Figura 2:** Fonte da imagem: Wardle e Derakhshan [2017]

Já Pangrazio (2018) sugere que “fake news has emerged against a backdrop of ongoing societal changes, such as an increasing distrust of public institutions and news media as well as a decline in professional news journalists”.

#### *Documentos e não textos*

Um quarto equívoco muito comum quando se fala em fake news é restringir o conceito a textos. Haverá mais textos criados como fake news do que todos os outros suportes juntos, mas basta ver o impacto que fotos e vídeos manipulados tiveram no referendo da Catalunha de 2017.

**Figura 3:** O jornal Le Monde demonstrou que a bandeira foi acrescentada digitalmente à foto original.

Fonte da imagem: Observador<sup>21</sup>



O vídeo, pela capacidade de atração que demonstra ter na Internet, tornou-se um alvo preferencial dos produtores de fake news. “Os deepfakes são uma das formas mais recentes de manipulação de mídia digital, e uma das mais propensas a serem utilizadas com fins maliciosos. Não é difícil imaginar que esta tecnologia seja usada para difamar políticos, criar pornografia falsa por vingança ou incriminar pessoas<sup>22</sup>”.

Uma das características das fake news é que elas ‘não olham a meios para atingir os fins’. Nesse sentido, é normal encontrar não apenas textos, mas também fotos e vídeos falsos ou parcialmente falsos, em simultâneo.

O recurso cada vez maior a fotos e vídeos falsos, tal como a memes, sobretudo pelo aparecimento de aplicações/programas que os facilitam, desvaloriza uma outra característica que as fake news tinham até há poucos anos: terem uma aparência de notícia (título, lead, etc) para reforçar a possibilidade de enganar os consumidores.

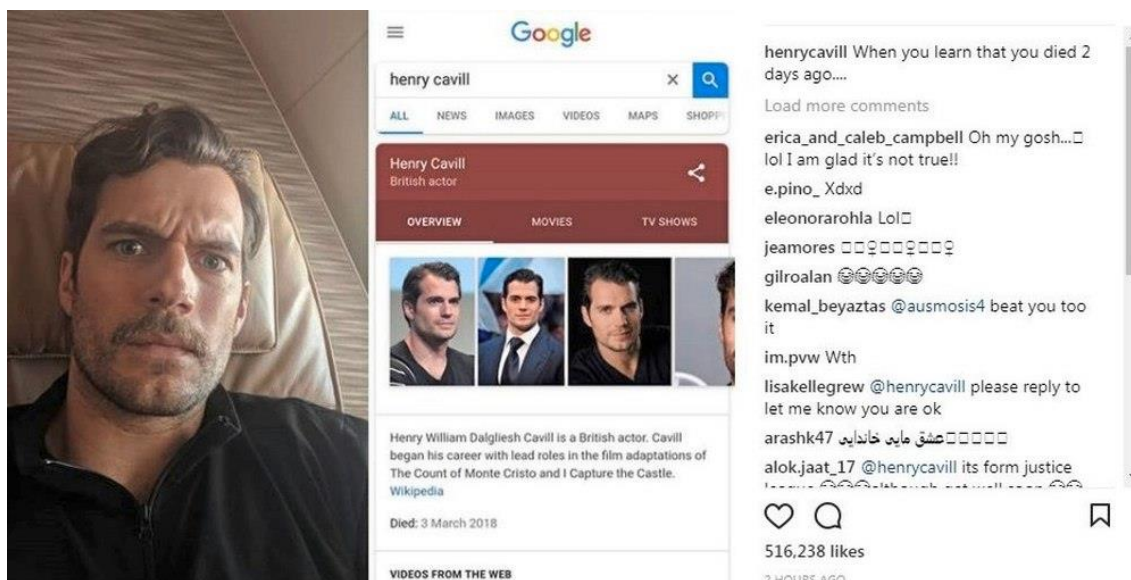
Ou seja, hoje assumem qualquer formato.

<sup>21</sup> BRUNO, Cátia (3/10/2017), “Catalunha. Imagens falsas do dia do referendo circulam nas redes sociais”, Observador; <https://observador.pt/2017/10/03/catalunha-imagens-falsas-do-dia-do-referendo-circulam-nas-redes-sociais/> (acedido em 22/8/2018)

<sup>22</sup> ROOSE, Kevin, “Depois das ‘fake news’, começam a surgir os vídeos falsos”, 8/3/2018, The New York Times; <https://link.estadao.com.br/noticias/cultura-digital,depois-das-fake-news-comecam-a-surgir-os-ideos-falsos,70002218025> (acedido a 22/8/2018)



**Figura 4:** O perfil do ator Henry Cavill no Google foi alterado, muito provavelmente por trolls. Cavill escreveu no seu Instagram: "Quando se descobre que morri há 2 dias"; fonte da imagem: Instagram de Henry Cavill



Incluimos também neste contexto a chamada fake data: “data that is unverified, maliciously tampered with, or just plain wrong”<sup>23</sup>, por aparecer muitas vezes associada às peças de fake news. “Just as much of a problem as fake news, fake data has the potential to affect companies and people around the world”<sup>24</sup>.

#### O autor

Muitas fake news são hoje produzidas por robôs ou programas informáticos, enquanto outras continuam a nascer no teclado de alguém. Tanto quanto é possível perceber nesta altura, não é o ‘tipo’ de autor que vai influenciar o tipo de conteúdo ou, mais importante, o resultado dessa fake news. Mas, como afirmam Brites *et al.* (2018), “estas bolhas de informações falsas são alimentadas por sistemas de algoritmos e pela estrutura de dados agregados em torno de utilizadores”, o que – entendem os mesmos autores – “é tanto mais preocupante quanto em parte esta desinformação tem raízes digitais profundas, em especial nas redes sociais, como o funcionamento dos bots, que carecem de uma compreensão e investigação aprofundada”. Bakir e McStay (2018), que usam a expressão “bolhas de informação”, explicam que elas “surgem quando os algoritmos aplicados ao conteúdo online medem seletivamente as informações que o utilizador deseja ver com base nas informações sobre o próprio, as suas ligações, histórico de navegação, compras, publicações e pesquisas”.

<sup>23</sup> HEATHMAN, Amelia (30/4/2018), “Forget fake news: why you need to know about fake data and how it can affect you”, The Standard; <https://www.standard.co.uk/tech/fake-news-fake-data-how-affect-you-accenture-a3825516.html> (acedido em 23/8/2018)

<sup>24</sup> *Ibidem*

Ter um autor anónimo (o mais habitual) ou identificado (às vezes nem o site é facilmente verificável) não altera qualquer classificação que se possa propor.

### *O humor*

Como se viu, antes de ser usada para descrever 'informações falsas', a expressão já era usada para caracterizar os espaços satíricos da televisão norte-americana: "As fake news, it satirizes traditional news by reporting in a style similar to network and cable TV news, but it amplifies their biases, mistakes, and deficiencies to ensure that viewers hear them loud and clear" (Gettings 2007, pp. 26-27). Ou seja, a ligação existe e não pode ser ignorada.

A verdade é que, limitando-nos à Internet, existem centenas de sites de carácter humorístico (entendido aqui em sentido geral, abrangendo publicações satíricas, sarcásticas, de absurdo, etc.), que publicam conteúdos deliberadamente falsos.

Por outro lado, o humor, em muitos casos, só funciona se for minimamente 'credível', pelo que parece existir algum tipo de intencionalidade em enganar os consumidores.

É, no entanto, fundamental entender que os sites de matriz humorística não pretendem manipular os seus consumidores. "We define satire as a news story that has purposefully false content, is financially motivated, and is not intended by its author to deceive readers" (Verstraete *et al.*, 2017). Por isso que usaremos adiante a palavra 'manipular' para descrever o objetivo de quem produz fake news.

Mas, mais importante, os sites humorísticos devem ser colocados dentro da categoria da ficção e da arte e excluídos da área informativa (ainda que ajude haver no próprio site algum tipo de 'aviso' a leitores mais incautos – é também esta a solução que propomos para as peças associadas ao Dias das Mentiras (1 de abril): em algum momento, as peças em causa terão de ter uma referência a esse propósito, para que sites de informação credíveis não sejam confundidos com fake news.

### *As motivações*

Verstraete *et al.* (2017) usam dois critérios para classificar as fake news: a intenção de enganar os consumidores e a motivação de quem as produz ("whether the payoff from fake news is motivated by financial interests or not").

No nosso caso, as motivações são completamente desvalorizadas na tentativa de definição do problema.

Por um lado, porque entendemos que não é (a descoberta da) motivação, havendo intenção de manipular os consumidores, que vai alterar a classificação. Qualquer que seja a motivação (financeira, política/ideológica, pessoal ou outra) a essência é a mesma.

Depois porque nem sempre é clara a motivação inicial: até se descobrir que um grupo de jovens da Macedónia era responsável por diversas fake news que influenciaram as eleições norte-americanas de 2016, pensava-se que a motivação dos seus autores, quem quer que fossem, era política<sup>25</sup>. Conhecer a real motivação foi um choque para muita gente, mas não alterou nada sobre o conceito. Aliás, em muitos casos não é perceptível qual é essa motivação, como acontece quando as fake news são elaboradas por trolls.

---

<sup>25</sup> SUBRAMANIAN, Samanth (15/2/2017), "Inside the Macedonian Fake-News Complex", Wired; <https://www.wired.com/2017/02/veles-macedonia-fake-news/> (acedido em 23/8/2018)

Neste caso, Verstraete *et al.* (2017) falam em “fake content, motivated by an attempt to get personal humor value (the lulz)” mas é forçoso reconhecer essa dificuldade.

Hacıyakupoglu *et al.* (2018) também incluem o humor nas diferentes motivações, a partir do momento em que consideram que “fake news in the digital era span a spectrum of categories, with varied but at times overlapping motivations: political, subversive, financial and entertainment”, parecendo, no entanto, difícil perceber como é que se manipula a opinião pública por motivos de entretenimento. Mais assertiva a posição da Fake News Challenge, um projeto de literacia mediática, que segue a definição proposta pelo The New York Times<sup>26</sup>: “A completely fabricated claim or story created with an intention to deceive, often for a secondary gain” (Fake News Challenge 2017).

### *A caracterização*

Chegados a este ponto propomos a seguinte conceptualização da expressão fake news: um documento deliberadamente falso, publicado online, com o objetivo de manipular os consumidores.

A formulação necessita, contudo, de algumas notas suplementares:

- Optamos pela palavra documento e não apenas texto, por causa não só do recurso a ferramentas complementares do texto (vídeo e/ou foto) mas também porque, como foi mostrado com as deepfakes, o texto em certos casos já se torna irrelevante (exceto, talvez, o título);

- ‘Deliberadamente falso’ significa que, pelo menos parcialmente, quem o elabora sabe que é mentira. E só o elabora porque é mentira. Só existe porque é falso. Pode é não ser totalmente falso, uma vez que uma das técnicas usadas para credibilizar as fake news, e assim atingir mais consumidores, é misturar elementos reais (nomes, locais, factos anteriores, fotos, etc.) com mentiras. Rumores e boatos sempre existiram, mas raramente eram dignificados pelo jornalismo. Rumores e boatos aparecem hoje, lado a lado com as verdadeiras notícias, nos nossos feeds das redes sociais. “It’s not just something that is false — it’s something that is manufactured to hide the fact that it is false”, afirmou David Lazer, professor na Universidade Northeastern e um dos autores de *The science of fake news*<sup>27</sup>. Não por acaso, nessa pesquisa os autores incluem esse fator na própria definição: “fabricated information that mimics news media content in form but not in organizational process or intent” (Lazer *et al.*, 2018). O mesmo acontece com Gelfert (2018): “Fake news, I argue, is best defined as the deliberate presentation of (typically) false or misleading claims as news, where the claims are misleading by design”. Por ‘design’, Gelfert entende as “systemic features of the process of news production and dissemination” (*ibidem*). E Regina Rini (2017) é ainda mais inequívoca: “A fake news story is one that purports to describe events in the real world, typically by mimicking the conventions of traditional media reportage, yet is known by its creators to be significantly false, and is transmitted with the two goals of being widely re-transmitted and of deceiving at least some of its audience”. Outras técnicas para atingir os mesmos fins: website spoofing (imitando a imagem de sites

<sup>26</sup> TAVERNISE, Sabrina (7/12/2016), “As Fake News Spreads Lies, More Readers Shrug at the Truth”, The New York Times, <https://www.nytimes.com/2016/12/06/us/fake-news-partisan-republican-democrat.html> (acedido em 22/8/2018)

<sup>27</sup> MEYER, Robinson (9/3/2018), “Why It’s Okay to Call It ‘Fake News’”, The Atlantic; <https://www.theatlantic.com/technology/archive/2018/03/why-its-okay-to-say-fake-news/555215/> (acedido em 22/8/2018)

credíveis)<sup>28</sup>, “typosquatting and other deceptive strategies similar to those used in phishing attacks to resemble genuine news outlets”<sup>29</sup>. Um dos clássicos das fake news, “Papa Francisco apoia candidato Donald Trump”, esteve alojado num site chamado WTOE 5 News, com semelhanças a muitos canais locais de televisão nos EUA. Não há qualquer canal chamado WTOE 5 News, mas ninguém duvida de que isso ajudou a difundir a peça;

- É a internet que cria as fake news: pela facilidade de publicação (qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo, pode publicar), pela desregulação (quem controla?), pela abundância de informações (milhões de informações disponíveis, de todo o tipo), pela facilidade de confundir verdadeiro e falso (manipular uma foto ou um vídeo nunca foi tão fácil) e pela facilidade de obter retorno financeiro com publicidade. Hacıyakupoglu *et al.* (2018) acrescentam a questão da Inteligência Artificial, “that automate the work of human propagators”, e Tan e Ang (2017) referem “the speed at which fake news can spread has been supercharged by social media and search algorithms that control what users read”. “The internet not only provides a medium for publishing fake news but offers tools to actively promote dissemination” (Lazer *et al.*, 2018), que se revela também na facilidade com que certos sites vão repetindo – acriticamente - aquilo que veem na ‘concorrência’, o que Huyghe (2016) designa por “autointoxication”. “A core feature of contemporary fake news is that it is widely circulated online”, dizem Bakir e McStay (2017).

- Na verdade não é o facto das fake news serem difundidas pelas redes sociais que vai determinar o conceito mas antes serem publicadas online (numa rede social, num blogue ou numa página de ‘notícia’). Acontece que é impossível dissociar o fenómeno das fake news das redes sociais e dos algoritmos que as disseminam muitas vezes de forma inconsciente<sup>30</sup>;

- Há quem entenda que nada é novo neste fenómeno, a não ser a quantidade de casos. Do nosso ponto de vista, a quantidade não classifica o fenómeno, apenas lhe dá – enorme – importância;

Em resumo, será possível acrescentar à definição antes proposta alguns elementos complementares: um documento (texto, foto e/ou vídeo, com a possibilidade de usar vários recursos, em simultâneo), deliberadamente falso (parcial ou totalmente), publicado online e espalhado pelas redes sociais, com o objetivo claro de manipular os consumidores.

Em complemento:

Verstraete *et al.* (2017) referem-se a várias “species of fake news” enumerando, além dos conteúdos satíricos, os rumores, a propaganda e o resultado do trolling. “Specifying different categories of fake news based on their content, motivation, and intention supplies a useful framing strategy for discussions” (ibidem). Já Zannettou *et al.* (2018) propõem uma vasta “False Information Ecosystem Taxonomy”, da qual fazem parte não só as fake news (“Fabricated, Propaganda, Imposter and Conspiracy theories”) mas também

<sup>28</sup> [https://en.wikipedia.org/wiki/Website\\_spoofing](https://en.wikipedia.org/wiki/Website_spoofing) (acedido em 22/8/2018)

<sup>29</sup> [https://en.wikipedia.org/wiki/List\\_of\\_fake\\_news\\_websites](https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_fake_news_websites) (acedido em 22/8/2018)

<sup>30</sup> (16/7/2018), “Algoritmos no banco dos réus por causa das ‘fake news’”, AFP; <http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2018/07/algoritmos-no-banco-dos-reus-por-causa-das-fake-news-10498522.html> (acedido em 22/8/2018)

“Biased/Inaccurated News” (“Hoaxes, Hyperpartisan and Fallacy”) e “Misleading/Ambiguous News” (Rumours, Clickbait and Satire News”).

### *Outras definições*

Apresentamos a seguir outras definições, por considerarmos que podem enriquecer a discussão:

- “Fake news represents information of various stripes that is presented as real but is patently false, fabricated, or exaggerated to the point where it no longer corresponds to reality; what is more, this information operates in the express interests of deceiving or misleading a targeted or imagined audience” (Reilly, 2018);

- “The popular definition of fake news has recently undergone a transformation. The term fake news is now commonly applied to deceptive news stories, maliciously spread by outlets that mimic legitimate news source” (Torres *et al.*, 2018);

- “Fake news can present as websites that deliberately publish hoaxes, propaganda, and disinformation purporting to be real news, and often using social media to drive web traffic and amplify their effect” (Tan e Ang, 2017);

- “Fake news means a made-up story with an intention to deceive, often geared toward getting clicks”<sup>31</sup>;

- “Fake news is made-up stuff, masterfully manipulated to look like credible journalistic reports that are easily spread online to large audiences willing to believe the fictions and spread the word”<sup>32</sup>;

- “False, often sensational, information disseminated under the guise of news reporting”<sup>33</sup>;

- “The online publication of intentionally or knowingly false statements of fact” (Klein e Wueller, 2017);

(No essencial estas seis propostas estão em linha com a nossa, nomeadamente a ideia de ‘deliberadamente falso’ para ‘deliberadamente enganar’ os leitores, recorrendo para isso a formatos que se parecem com fontes noticiosas credíveis)

### *Porque funcionam*

*“People like to be told what they already know. Remember that. They get uncomfortable when you tell them new things... What people think they want is news,*

<sup>31</sup> TAVERNISE, Sabrina (7/12/2016), “As Fake News Spreads Lies, More Readers Shrug at the Truth”, The New York Times, <https://www.nytimes.com/2016/12/06/us/fake-news-partisan-republican-democrat.html> (acedido em 22/8/2018)

<sup>32</sup> KERTSCHER, Tom (13/12/2016), “PolitiFact’s Lie of the Year 2016: Fake news”, Milwaukee Journal Sentinel, <https://eu.jsonline.com/story/news/politics/politifactwisconsin/2016/12/13/politifact-lie-year-2016-fake-news/95395008> (acedido em 22/8/2018)

<sup>33</sup> Dicionário Collins, <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/fake-news> (acedido em 22/8/2018)

*but what they really crave is olds... telling people that what they think they already know is true...* (Prachet 2000<sup>34</sup>)

"Se a gente perder esta geração para as fake news, o que vai ser do futuro?". A pergunta foi feita por Stephanie Habrich, diretora do "Joca", jornal brasileiro dirigido a jovens e crianças<sup>35</sup>, e mostra que as consequências do fenômeno vão muito para além da decepção que cada um sente quando percebe que foi enganado (até porque, segundo uma sondagem brasileira, os jovens são os que menos confirmam as eventuais fake news<sup>36</sup>. Sem surpresa, "2% of children can tell if a news story is real or fake"<sup>37</sup>).

Estamos certos de que nos próximos anos serão conhecidos resultados de muitos estudos na área da psicologia que pretendem conhecer porque razão as fake news se tornaram um fenômeno entre os consumidores. Ainda assim, em pouco tempo ficou já a saber-se que uma fake news se espalha mais depressa no Twitter do que uma notícia verdadeira (Vosoughi *et al.*, 2018) e que o nosso cérebro aceita com maior facilidade informações que confirmem aquilo em que acreditamos, ao mesmo tempo que repele ou ignora aquelas que desafiam as nossas opiniões (APA, 2018). Jay Van Bavel, professor de psicologia e ciência neural da Universidade de Nova Iorque, refere num estudo como eleitores democratas dos EUA se lembravam de George W. Bush de férias durante o furacão Katrina (o que não aconteceu), enquanto os republicanos garantiam ter visto Barack Obama a apertar as mãos do presidente do Iraão (o que também não aconteceu) (Van Bavel e Pereira, 2018).

"How common is fake news, and what is its impact on individuals? There are surprisingly few scientific answers to these basic questions" (Lazer *et al.*, 2018).

## Conclusão

Até pode ser que utilizar a expressão fake news seja "impreciso para retratar o fenômeno mais amplo da desinformação, que está se aprofundando com o avanço tecnológico e deve ser visto em seu contexto político, da sociedade polarizada"<sup>38</sup>, mas existe a convicção da nossa parte de que, em face das múltiplas tentativas dos poderes políticos em tentar criminalizar o fenômeno, é urgente consensualizar uma conceptualização. Só assim se saberá o que pode ser legislado e, sobretudo, o que não pode ou não deve ser.

Se não soubermos o que são fake news e as confundirmos, por exemplo, com false news, estamos a criar riscos desnecessários para o jornalismo e para a liberdade de expressão em abstrato.

---

<sup>34</sup> <http://www.chrisioneswriting.com/terry-pratchett-quotes/change-terry-pratchett-quote1> (acedido em 22/8/2018)

<sup>35</sup> "Fake news é termo impreciso para retratar fenômeno atual, dizem acadêmicos", (19/2/2018), Folhapress, <https://www.bemparana.com.br/noticia/fake-news-e-termo-impreciso-para-retratar-fenomeno-atualdizem-academicos> (acedido em 22/8/2018)

<sup>36</sup> Twitter CNI Brasil (2/8/2018); [https://twitter.com/CNI\\_br/status/1025108413725007873](https://twitter.com/CNI_br/status/1025108413725007873) (acedido em 22/8/2018)

<sup>37</sup> "Half of UK children are worried about being able to spot fake news" (14/6/2018), Childnet International. <https://www.childnet.com/blog/half-of-uk-children-are-worried-about-being-able-to-spot-fake-news> (acedido em 23/8/2018)

<sup>38</sup> "Fake news' é termo impreciso para retratar fenômeno atual, dizem acadêmicos", (19/2/2018), Folhapress, <https://www.bemparana.com.br/noticia/fake-news-e-termo-impreciso-para-retratar-fenomeno-atualdizem-academicos> (acedido em 22/8/2018)

“Se algo é noticiado e alguém aparece a dizer que não é verdade, o jornalista investiga a questão para clarificar ou retificar. Essas são as ferramentas utilizadas, é a primeira coisa que devemos ter em conta. A discussão sobre as fake news deve centrar-se ‘no que fazer quando sabemos que a informação é intencionalmente falsa, com objetivos políticos ou outro qualquer’. Esta sim, é uma questão difícil e acredito que há muito a debater: o que a sociedade civil pode fazer para melhorar a verificação da informação, o que as grandes empresas da internet podem fazer para dar mais contexto aos leitores. Há muitas alternativas para lidar com este problema, não tem de ser pela via da criminalização como na Malásia”, defendeu David Kaye, investigador das Nações Unidas especializado em liberdade de expressão e opinião<sup>39</sup>. É também esse a nossa ponte de vista: separar duas realidades (jornalismo e fake news) e combater a desinformação organizada.

Temos consciência, na linha do que argumentam Verstraete *et al.* (2017), que “fake news presents a complex regulatory challenge in the increasingly democratized and intermediated on-line information ecosystem” mas “nomear algo impõe uma questão ontológica, pois os significados dos nomes organizam e classificam a forma como percebemos a realidade. Um nome sempre quer dizer alguma coisa e sua relação com a significação é complexa. A troca de uma expressão por outra (fake news por false news) não torna o jornalismo mais protegido e isento do grande desafio que ele enfrenta desde sempre. (...) evitar fake news distorce um aspecto importante, já que o termo se refere a um fenómeno distinto, com um nome específico, e portanto, devemos usar apenas esse nome para falar sobre esse problema”<sup>40</sup>.

Ao propormos uma tentativa de caracterização que nos parece clara pensamos estar a dar esse contributo: num cenário de hipotética criminalização do fenómeno, a chave do problema estará sempre na avaliação do ‘deliberadamente falso’. No limite, qualquer investigação policial ou judicial terá de apurar os factos respeitantes a esse critério.

Finalmente, trabalhar o conceito pode permitir que o jornalismo saia beneficiado deste ecossistema, da mesma forma que, como invocamos no início, “failures of the U.S. news media in the early 20th century led to the rise of journalistic norms and practices that, although imperfect, generally served us well by striving to provide objective, credible information” (Lazer *et al.*, 2018). “More broadly, we must answer a fundamental question: How can we create a news ecosystem and culture that values and promotes truth?” (*ibidem*). Afinal, “the purpose of real news is to prove that ‘fake news’ isn’t true”<sup>41</sup>.

E ao contrário do que tem sido a ideia mais geral, até pode vir das redes sociais a grande ajuda para uma ‘vitória’ do jornalismo: pressionadas pelos processos judiciais, relacionados com fake news, as empresas que gerem as redes sociais estão cada vez mais apostadas em resolver o problema. E – parece-nos – o problema não se resolve com algoritmos.

A fechar fica um apelo aos autores de língua portuguesa para que não traduzam fake news por notícias falsas, preservando, assim, a identidade do conceito.

---

<sup>39</sup> TOMÉ, Flávia (11/4/2018), “Há muitos países onde a desinformação é crime, não lhes chamam fake news mas a ideia é exatamente a mesma”, Expresso, <https://expresso.sapo.pt/internacional/2018-04-11-Ha-muitos-paises-onde-a-a-desinformacao-e-crime-nao-lhes-chamam-fake-news-mas-a-ideia-e-exatamente-a-mesma#gs.Es5Y5Y8> (acedido em 23/8/2018)

<sup>40</sup> SOARES, Cláudio (26/6/2018), “Fake news ou false news?”, O Globo; <https://oglobo.globo.com/opiniaofake-news-ou-false-news-22820013#ixzz5Ouwczx51> (acedido em 23/8/2018)

<sup>41</sup> LUKENSMAYER, Carolyn J. (16/12/2016), “Facts, Untruths and Fake News”, Medium. <https://medium.com/@CarolynLukensmeyer/facts-untruths-and-fake-news-205cf585e7ef> (acedido em 27/9/2018)

## Referências bibliográficas

- APA, American Psychological Association (2018). "Why We're Susceptible to Fake News, How to Defend Against it". <http://www.apa.org/news/press/releases/2018/08/fake-news.aspx> (acedido em 22/8/2018)
- Bakir, V., & McStay, A. (2018). *Fake News and The Economy of Emotions: Problems, causes, solutions*. *Digital Journalism*, 6(2), 154–175. <http://doi.org/10.1080/21670811.2017.1345645> (acedido em 22/8/2018)
- Berkowitz, D. & Schwartz, D. A. (2016). *Miley, CNN and The Onion: When fake news becomes realer than real*. *Journalism Practice*. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17512786.2015.1006933> (acedido em 27/9/2018)
- Brites, M. J., Amaral, I., e Catarino, F. (2018). *A era das "fake news": o digital storytelling como promotor do pensamento crítico*. *Journal of Digital Media and Interaction*. <http://revistas.ua.pt/index.php/jdmi/article/view/11142> (acedido a 23/8/2018)
- Castro, Alexandre (2013). *Teorias do Jornalismo, Universidade e Profissionalização*. BOCC; <http://www.bocc.ubi.pt/pag/castro-alexandre-2013-teorias-jornalismo.pdf> (acedido em 22/8/2018)
- Fake News Challenge (2017). "Exploring how artificial intelligence technologies could be leveraged to combat fake news". <http://www.fakenewschallenge.org> (acedido em 27/9/2018)
- Gelfert, Alex (2018). *Fake news: A definition*. *Informal Logic*, Vol. 38, nº 1, pp-84-117. <http://tuberlin.academia.edu/AxelGelfert> (acedido em 27/9/2018)
- Gettings, Michael (2007). The fake, the false, and the fictional: The Daily Show as new source. In *The Daily Show and Philosophy*, ed. Jason Holt, 16-27. Oxford. Blackwell.
- Hacıyakupoglu, G., Hui, J. Yang, Suguna V.S., Leong, D., e Rahman, M. F. B. A. (2018). *Countering fake news: a survey of recente global iniciativas*. RSIS; <https://www.rsis.edu.sg/rsis-publication/cens/countering-fake-news-a-survey-of-recent-global-initiatives/#.W37GeejFjIU> (acedido em 23/8/2018)
- Huyghe, François-Bernard (2016). *La désinformation - Les armes du faux*. Paris: Armand Colin.
- Klein, D. O. & Wueller, J. R. (2017). *Fake news: a legal perspective*. *Journal of Internet Law* 20(10): 5-13.
- Lazer, D. M. J., Baum, M. A., Benkler, Y., Berinsky, A. J., Greenhill, K. M., Menczer, F., Metzger, M. J., Nyhan, B., Pennycook, G., Rothschild, D., Schudson, M., Sloman, S. A., Sunstein, C. R., Thorson, E. A., Watts, D. J., e Zittrain, J. L. (2018). *The science of fake news*, *Science*; <http://science.sciencemag.org/content/359/6380/1094> (acedido em 23/8/2018)
- Pangrazio, Luci (2018). *What's new about 'fake news'? Critical digital literacies in an era of fake news, post-truth and clickbait*. *Pág. Educ.*, vol.11, n.1, pp.6-22. <http://dx.doi.org/10.22235/pe.v11i1.1551> (acedido em 23/8/2018)
- Reilly, Ian (2018). *F for Fake: Propaganda! Hoaxing! Hacking! Partisanship! and Activism! in the Fake News Ecology*, in the *Journal of American Culture*. <https://doi.org/10.1111/jacc.12834> (acedido em 26/09/2018)
- Schudson, M (2001). "The objectivity norm in American newspapers", in *Journalism theory, practice and criticism*. Vol.2, N.2, pp. 149-170



- Tan, E. G. e Ang, B. (2017). *Clickbait: Fake News and Role of the State*. RSIS; [https://www.rsis.edu.sg/rsis-publication/cens/co17026-clickbait-fake-news-and-role-of-the-state/#.W37J\\_ejFjIV](https://www.rsis.edu.sg/rsis-publication/cens/co17026-clickbait-fake-news-and-role-of-the-state/#.W37J_ejFjIV) (acedido em 23/8/2018)
- Torres, R., Gerhart, N. e Negahban, A. (2018). *Epistemology in the Era of Fake News: An Exploration of Information Verification Behaviors among Social Networking Site Users*, ACM, Digital Library. <https://dl.acm.org/citation.cfm?id=3242734.3242740> (acedido em 26/09/2018)
- Traquina, Nelson (2005). *Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são*. 2ª ed. Florianópolis: Insular
- Van Bavel, J. J. e Pereira, Andrea (2018). *The Partisan Brain: An Identity-Based Model of Political Belief, Trends in Cognitive Sciences*. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2018.01.004> (acedido em 23/8/2018)
- Verstraete, M., Bambauer, D. E. e Bambauer, J. R. (2017). *Identifying and Countering fake news*. Arizona Legal Studies Discussion Paper No. 17-15 [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=3007971](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3007971) (acedido em 23/8/2018)
- Vosoughi, S., Roy, D. and Aral, S. (2018). *The Spread of True and False News Online*. Science 359.6380 (2018): 1146-1151. <http://science.sciencemag.org/content/359/6380/1146> (acedido em 23/8/2018)
- Wardle, Claire (16/2/2017). *Fake news. It's complicated*. First Draft; <https://firstdraftnews.org/fake-news-complicated/> (acedido em 22/8/2018)
- Wardle, Claire, e Derakhshan, Hossein (2017). *Information disorder : Toward an interdisciplinary framework for research and policy making*,. Council of Europe report; <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c> (acedido em 23/8/2018)
- Zannettou, S., Sirivianos, M., Blackburn, J., and Kourtellis, N. (2018). *The Web of False Information: Rumors, Fake News, Hoaxes, Clickbait, and Various Other Shenanigans*. Cornell University Library; <https://arxiv.org/abs/1804.03461> (acedido em 23/8/2018)